

Para-além das palavras e das coisas.

Further beyond words and things.

JUAN LICHTENSTEIN

RESUMO:

O texto explora a interseção entre a lógica simbólica, a cibernética e a psicanálise no pensamento de Jacques Lacan, vinculando-a à obra de Jorge Luis Borges. Analisa como ambos os autores entendem a linguagem e a realidade como sistemas simbólicos autônomos, desvinculados de uma referência fixa. Lacan adota ideias da lógica matemática e da cibernética, redefinindo o significante como um elemento vazio de significado, o que o leva a postular a lógica como uma “ciência do Real”. Borges propõe uma concepção semelhante do mundo como um texto em constante escrita e leitura. Além disso, o texto critica o nominalismo aristotélico, destacando como Borges e Lacan concebem os signos linguísticos como entidades reais. Por fim, é levantada a possibilidade de uma psicanálise compatível com a ciência a partir da lógica simbólica.

PALAVRAS-CHAVE: Lacan – Borges – lógica simbólica – cibernética – nominalismo – significante – linguagem – A Carta Roubada.

ABSTRACT:

The text explores the intersection between symbolic logic, cybernetics, and psychoanalysis in Jacques Lacan's thought, linking it to Jorge Luis Borges' work. It analyzes how both authors conceive language and reality as autonomous symbolic systems, detached from fixed reference. Lacan adopts ideas from mathematical logic and cybernetics, redefining the signifier as an element devoid of meaning, leading him to propose logic as a "science of the Real." Borges offers a similar vision of the world as an ever-unfolding text of writing and reading. Additionally, the text critiques Aristotelian nominalism, emphasizing how Borges and Lacan regard linguistic signs as real entities. Finally, it raises the possibility of a psychoanalysis compatible with science through symbolic logic.

KEYWORDS: Lacan – Borges – symbolic logic – cybernetics – nominalism – signifier – language – The Purloined Letter.

“[...] a história é um interminável e perplexo sonho das gerações humanas; no sonho há formas que se repetem, talvez não haja outra coisa senão formas [...]”
(Borges, *Outras inquisições*)¹

¹ Borges, J. L. (1960). De alguém a ninguém. Em *Outras inquisições*. Editora Globo. (Trabalho original publicado em 1950). pp. 137-140.

Introdução:

Neste trabalho, tentarei avançar sobre algumas conclusões apresentadas nas Jornadas da APOLa 2022 pelo grupo de pesquisa *Cyber Lacan*. Na mesa que compartilhei com Karina Glauberman, Pedro Fonseca e Irene Kleiner, exploramos a incorporação por parte de Lacan de ideias provenientes da cibernética e da teoria matemática da comunicação no *Seminário 2* (1954-55) e no “O Seminário sobre ‘A Carta Roubada’” (1956).

Durante 2023 e 2024, para aprofundar esses temas de crescente atualidade, vimos a necessidade de nos familiarizar com algumas ideias da lógica simbólica e matemática, cujos desenvolvimentos foram indispensáveis para o surgimento da cibernética. A lógica matemática forneceu a Lacan inúmeras ferramentas para operar com símbolos: seus modelos, esquemas, grafos e circuitos seriam difíceis de imaginar sem ela. Ela também tem um lado filosófico, que levou Lacan a chamar a lógica de “ciência do Real”.

À medida que avançávamos no estudo, comecei a notar que muitos dos temas e autores relacionados à lógica simbólica mencionados por Lacan também estavam presentes na obra do escritor argentino Jorge Luis Borges, trabalhados a partir de uma perspectiva filosófica semelhante.

Aplicada, desde o final do século XIX, a diferentes campos do saber – física, cibernética, psicanálise –, a lógica matemática conseguiu primeiro imitar e depois moldar tanto a “realidade concreta” – o mundo físico – quanto o mundo da linguagem – aquele que imaginamos como especificamente humano. A reflexão sobre esse movimento, presente tanto em Borges quanto em Lacan, permitiu a ambos reeditarem uma hipótese muito antiga, mas marginalizada no debate filosófico atual no ocidente: a ideia de que o mundo e o homem são feitos, ambos, de símbolos.

Lacan e Borges são os únicos autores que conheço próximos das “ciências humanas” cujas concepções sobre a realidade, a linguagem, o espaço e o tempo foram profundamente influenciadas pela lógica simbólica. Dessa forma, eles adotaram noções “anti-intuitivas” que, considero, não foram e ainda não são consideradas nos debates nas ciências sociais – filosofia, antropologia, linguística, história, psicologia.

Numa nota de rodapé de “O Seminário sobre ‘A Carta Roubada’”, texto escolhido por Lacan como abertura de seus *Escritos*, o psicanalista francês postula uma harmonia entre o “filo” de seu discurso e a obra de Borges. Neste trabalho, proponho-me a investigar essa hipótese e sua conexão com a Lógica Matemática e a ciência moderna.

A ciência do Real

Em “La naturaleza (matemática) del lenguaje en Lacan”², a psicanalista Irene Kleiner aponta que a Teoria Matemática da Comunicação, criada por Claude Shannon em 1948 e incorporada por Lacan por volta de 1955, produz uma transformação na natureza da linguagem. Essa teoria substitui a ideia psicológica de representação pela noção científica de mensagem. Um ano após a incorporação da cibernética em seu ensino, Lacan enuncia, no *Seminário 3* (1956), sua conhecida fórmula: “O significante, enquanto tal, não significa nada”.

Em “La cibernética. Nuevo corte en la arqueología del saber”³, Karina Glauberman observa que “[...] o significante esvaziado de significação não faz parte de nenhum signo, nem de sua semântica, nem tem relação com qualquer marca, assinatura, indício ou referente [...]”.

Mas se o significante não tem referente, o que acontece então com o discurso da ciência? As ciências também perdem seu referente, ou seja, a realidade? Se assim fosse, restaria apenas “uma ordem simbólica, de lugares, numerais, letras, cifras, codificações, portas lógicas e códigos binários, na qual o sujeito ocupa seu lugar”.⁴

O que pensa Lacan a esse respeito? Vamos explorar uma breve citação do *Seminário 21*, de 09/04/1974:

[...] Essa ciência do Real, a lógica, surgiu e só pôde surgir a partir do momento em que conseguimos esvaziar as palavras de seu significado [...].⁵

Se existem apenas símbolos, porque estes perderam seu referente – ou significado –, então a disciplina que estuda racionalmente esses símbolos – a lógica simbólica – será a ciência do Real. Lacan repete a expressão “mundo simbólico” doze vezes no *Seminário 2*.

Esse salto pode parecer apressado, mas é dado por Lacan em uma fase “madura” de seu ensino: embora a teoria matemática da comunicação forneça a Lacan uma concepção científica da linguagem, a lógica simbólica já vinha “desgastando” a ideia de “representação” há décadas, como veremos mais adiante.

² Kleiner, I. (2022). La naturaleza (matemática) del lenguaje en Lacan. Em *El Rey está desnudo*, n° 20. <https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2023/11/El-Rey-esta-desnudo-No-20-1.pdf>.

³ Glauberman, K. (2022). La Cibernética. Nuevo corte en la arqueología del saber. Em *El Rey está desnudo*, n° 20. <https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2023/11/El-Rey-esta-desnudo-No-20-1.pdf>.

⁴ Ibidem.

⁵ Lacan, J. (1974a). *Seminário 21*. Aulas de 19/02/1974 e 9/4/1974. (Tradução nossa). <http://staferla.free.fr/S21/S21%20NON-DUPES....pdf>.

O mundo simbólico

Em “O Seminário sobre ‘A Carta Roubada’”, Lacan menciona Borges pela única vez e cita o número 114-115 (1955) da *Les Temps Modernes*, revista dirigida por Jean-Paul Sartre e Simone de Beauvoir. Neste número, foram publicados, pela primeira vez, sete ensaios de Borges em francês⁶ – alguns anos antes foram publicados o livro de contos *Ficções* e quatro contos de *O Aleph*.

Vamos explorar algumas ideias desses ensaios em que as palavras, mais do que representar a realidade, são a realidade.

Em “Magias parciais do Quixote”, depois de dar alguns exemplos de conjuntos singulares – que contêm a si mesmos, baseados no paradoxo de Russell –, Borges se pergunta:

Por que nos inquieta que Dom Quixote seja leitor de Dom Quixote, e Hamlet, espectador de Hamlet? Creio ter encontrado a causa: tais inversões sugerem que, se os personagens de uma ficção podem ser leitores ou espectadores, nós, seus leitores ou espectadores, podemos ser fictícios. Em 1833, Thomas Carlyle observou que a história universal é um livro sagrado infinito que todos os homens escrevem e leem e tentam entender, e no qual também são escritos.⁷

Com essa citação de Carlyle, que também encerra o Epílogo de suas *Obras Completas*, Borges introduz vários elementos: o mundo como escrita, o tempo em que esse texto se desdobra, o conceito de infinito aplicado ao mundo real, a ideia de que fazemos parte dessa escrita⁸ e, ao mesmo tempo, temos a capacidade de escrever sobre ela.

Em “O espelho dos enigmas”, Borges cita Léon Bloy no mesmo sentido:

Tudo é símbolo, até a dor mais lancinante. [...] A história é um imenso texto litúrgico onde os iotas e os pontos não valem menos que os versículos ou capítulos inteiros [...].⁹

Em “De alguém a ninguém”, ele conclui afirmando:

Schopenhauer escreveu que a história é um interminável e perplexo sonho das gerações humanas; no sonho, há formas que se repetem, talvez não haja outra coisa

⁶ *Les Temps Modernes*, 1955, nº 114-115.

<https://drive.google.com/file/d/1GnUc5i66dNpIPSi7f6A4FhWXjQErKuJ7/view?usp=sharing>.

⁷ Borges, J. L. (1952). *Magias parciais del Quijote*. Op. cit.

⁸ Em o *Seminário 2* (1954), Lacan define uma subjetividade como “sistema organizado de símbolos”.

⁹ Borges, J. L. (1952). *El espejo de los enigmas*. Op. cit.

senão formas [...].¹⁰

O que acontece, a partir dessa perspectiva, com o mundo físico? Assim se expressa Lacan no *Seminário 21* (19/02/1974):

[...] isso não se diz, que a lógica é a ciência do Real. [...] revelar a verdade ao mundo é revelar o próprio mundo. Isso significa que não há outro mundo senão a alma. [...] Porque o mundo – e bem, basta já de afirmá-lo – é uma hipótese que se apodera de tudo o mais [...].¹¹

O mundo como um texto em movimento – hipótese que se apodera de tudo o mais – parece ser incompatível com nossas ideias sobre espaço e tempo e com a maneira como os experimentamos. Pode a lógica simbólica nos ajudar a abordar esse problema?

Tempo e Espaço

Na conferência de encerramento do *Seminário 2*, “Psicanálise e cibernética, ou da natureza da linguagem”, Lacan afirma:

[...] a sintaxe existe antes da semântica. A cibernética é uma ciência da sintaxe, e talvez também esteja bem projetada para nos mostrar que tudo o que chamamos de ciências exatas não é outra coisa senão vincular a realidade a uma sintaxe.¹²

Pode uma sintaxe, composta de elementos abstratos, ser compatível com nossa percepção do mundo concreto?

Em “A perpétua corrida de Aquiles e a tartaruga”¹³, Borges¹⁴ cita um livro do lógico e filósofo Bertrand Russell, “O conhecimento do mundo exterior” (1927). Qual é a relação, para Russell, entre a lógica matemática e a física?

[...] toda a teoria dos conceitos físicos [...] é inspirada pela lógica matemática, e

¹⁰ Borges, J. L. (1952). De alguien a nadie. Op. cit.

¹¹ Lacan, J. (1974a). Op. cit.

¹² Ibid. (1954-55). Conferência “Psicanálise e Cibernética, ou da natureza da linguagem”. Em *O Seminário. Livro 2*. Disponível em: <http://staferla.free.fr/S2/S2%20LE%20MOI.pdf>. (tradução nossa).

¹³ Neste ensaio, Borges discutirá o paradoxo de “Aquiles e a tartaruga” (Zenão de Eleia, 490-430 a.C.), expondo a refutação desenvolvida por Russell a partir da lógica matemática em “O Conhecimento do Mundo Exterior”.

¹⁴ Borges, J. L. (1974). La perpetua carrera de Aquiles y La Tortuga. Em *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé Editores.

nunca poderia ter sido imaginada sem ela.¹⁵

E o que acontece com os fatos observados? Russell nos alertará:

[...] O que sabemos empiricamente sobre o espaço e o tempo é insuficiente [...] para decidir entre várias alternativas matemáticas possíveis, mas essas alternativas são todas completamente inteligíveis e completamente adequadas aos fatos observados.¹⁶

Vamos explorar, então, muito brevemente o modo como a lógica matemática concebe, para Russell, o tempo e o espaço:

O caminho pelo qual o problema da continuidade ingressa na filosofia é [...] o seguinte: os matemáticos tratam o espaço e o tempo como se fossem constituídos por pontos e instantes; [...] também têm uma propriedade, mais fácil de sentir do que de definir, que chamamos de continuidade [...].¹⁷

Forçando um pouco o argumento, podemos postular: se o espaço e o tempo são compostos por abstrações – pontos e instantes –, a ciência que os estuda – a lógica matemática – será a ciência do Real. Mas será que Russell postula a existência real desses pontos e instantes? Ele não afirma nem nega. Vejamos sua opinião:

Não vejo razão para supor que os pontos e os instantes que os matemáticos introduzem ao tratar o espaço e o tempo sejam entidades reais existentes fisicamente, mas vejo razão para supor que a continuidade do espaço e do tempo reais possa ser mais ou menos análoga à continuidade matemática.¹⁸

Crítica ao nominalismo

Talvez a dificuldade esteja em admitir a existência real de entidades abstratas: pontos, instantes, números, palavras. Lacan e Borges nos propõem dar esse passo, que tornaria compatível a realidade que imaginamos como concreta com a ideia do mundo como um texto.

¹⁵ Russell, B. (1964). *El conocimiento del mundo exterior*. Buenos Aires: Los libros del mirasol.

¹⁶ Ibidem.

¹⁷ Ibidem.

¹⁸ Ibidem.

Isso implicará a rejeição, por parte de ambos, de uma ideia filosófica – o nominalismo /aristotelismo – que nega a existência real dos universais, além de serem meros nomes ou “rótulos”. Em “História da Eternidade”, Borges dirá:

Agora [...] todos praticamos o nominalismo sans le savoir [sem o saber]: é como uma premissa geral do nosso pensamento, um axioma adquirido.¹⁹

Em “Das alegorias aos romances”, ele apontará:

[Para o aristotélico, as ideias] são generalizações; [...] a linguagem nada mais é do que um sistema de símbolos arbitrários. [...] O nominalismo, antes uma novidade para alguns poucos, hoje abrange todas as pessoas; sua vitória é tão vasta e fundamental que seu nome se torna inútil. Ninguém se declara nominalista porque não há quem seja outra coisa.²⁰

Lacan parece definir-se filosoficamente em oposição ao nominalismo ao questionar-se, no *Seminário 18*:

Sou um idealista pernicioso? [...] Se há algo que eu sou, é claro que o que eu não sou é nominalista. Não parto do princípio de que o nome é algo que se aplica ao real. E é preciso escolher.²¹

Em “A Metáfora”, Borges criticará a definição aristotélica da metáfora, em uma perspectiva antinominalista:

O historiador Snorri Sturluson [...] compilou no início do século XIII um glossário das figuras tradicionais da poesia da Islândia, onde se lê, por exemplo, que gaivota do ódio, falcão do sangue, cisne sangrento ou cisne vermelho, significam o corvo; e teto da baleia ou cadeia das ilhas, o mar; e a casa dos dentes, a boca.²²

No terceiro livro da Retórica, Aristóteles observou que toda metáfora surge da intuição de uma analogia entre coisas dissimilares; [...] Aristóteles, como se vê,

¹⁹ Borges, J. L. (1974). *Historia de la eternidad*. Op. cit.

²⁰ Ibid. (1974). *De las alegorías a las novelas*. Op. cit.

²¹ Lacan, J. (1974b). *O Seminário. Livro 18*. Aula de 20/01/1974. (Tradução nossa). Disponível em: <http://staferla.free.fr/S18/S18%20D'UN%20DISCOURS...pdf>.

²² Borges, J. L. (1974). *La metáfora*. Op. cit.

fundamenta a metáfora nas coisas e não na linguagem; os tropos preservados por Snorri são (ou parecem ser) resultados de um processo mental, que não percebe analogias, mas combina palavras; alguns podem impressionar (cisne vermelho, falcão do sangue), mas nada revelam ou comunicam. São, por assim dizer, objetos verbais, puros e independentes como um cristal ou como um anel de prata.²³

Nesta citação de Borges estão presentes algumas ideias mencionadas no início deste trabalho: as palavras esvaziadas de significado “nada revelam ou comunicam”, a natureza combinatória da linguagem, desvinculada de qualquer referente “não percebe analogias, mas combina palavras”, a existência de “objetos verbais, puros e independentes”, desvinculados de qualquer significado.

O debate em que se insere Lacan

Quais ideias sobre ciência, lógica, linguagem e mundo vinham sendo sustentadas na psicanálise naquela época? Em 1933, Freud exporá sua concepção sobre esses temas na conferência “Em torno de uma cosmovisão”²⁴. Dois parágrafos breves:

A filosofia não é oposta à ciência [...] mas se distancia dela ao se apegar à ilusão de poder fornecer uma imagem do universo coerente e sem lacunas [...]. Do ponto de vista do método, persiste em superestimar o valor cognitivo de nossas operações lógicas [...].²⁵

O pensamento científico [...] submete a exame rigoroso a certeza das percepções sensoriais sobre as quais constrói suas inferências [...]. Seu objetivo é alcançar a concordância com a realidade, ou seja, com o que subsiste fora e independentemente de nós [...]. Chamamos “verdade” a essa concordância com o mundo exterior objetivo {real}. Ela continua sendo a meta do trabalho científico [...].²⁶

Três anos depois (1936), Lacan publica “Para-além do ‘princípio de realidade’” na revista *L'Évolution Psychiatrique*, opondo-se frontalmente a essas ideias de Freud sobre ciência, lógica, filosofia e “método científico”. Lá ele afirma:

²³ Ibidem.

²⁴ Freud, S. (1991). *Obras Completas*, vol. XXI. Nota introdutória de James Strachey. Buenos Aires: Amorrortu Editores.

²⁵ Ibidem.

²⁶ Ibidem.

É preciso reconhecer que a teoria físico-matemática do final do século XIX ainda recorria a fundamentos demasiado intuitivos posteriormente eliminados [...] os sucessos práticos daquela ciência lhe conferiam, perante a multidão, esse prestígio deslumbrante [...] de modo que ela estava em boa posição para servir de último objeto à paixão pela verdade, despertando no vulgo essa prosternação diante do novo ídolo, chamado cientificismo, e no “intelectual” essa eterna pedanteria [...].²⁷

Nos voltamos para esse escrito para buscar pontos de diálogo com as ideias apresentadas até aqui.

A ciência e a verdade em “Para-além do ‘princípio de realidade’” (1936)

A verdade é para Lacan, como é para Freud, a meta do trabalho científico? Em “Para-Além...” Lacan aponta:

[...] a busca da verdade [...] que impõe a toda uma cultura a preeminência da verdade no testemunho, criou uma atitude moral que tem sido e continua sendo para a ciência uma condição de existência. Mas a verdade em seu valor específico permanece estranha à ordem da ciência [...] de modo algum pode identificá-la como seu próprio fim. [...].²⁸

Em seguida, ele menciona algumas mudanças ocorridas na ciência nas décadas anteriores ao seu texto:

[...] detenhamo-nos um instante nos critérios vividos da verdade e perguntemos quais [...] subsistem nos vertiginosos relativismos aos quais chegaram a física e a matemática contemporâneas, onde estão a certeza – prova do conhecimento místico –, a evidência – fundamento da especulação filosófica – e a não contradição em si mesma, a mais modesta exigência da construção empírico-racionalista?²⁹

No final da citação, Lacan questiona um dos axiomas da lógica aristotélica: o princípio de não-contradição. Ele sugere assim, neste texto inicial, sua familiaridade com a lógica matemática, ao mesmo tempo que questiona um dos “princípios do raciocínio válido” propostos por Aristóteles,

²⁷ Lacan, L. (2009b). Más allá del “Principio de Realidad”. Em *Escritos I*. México, D. F.: Siglo XXI.

²⁸ Ibidem.

²⁹ Ibidem.

criticando a “construção empírico-racionalista” como fundamento da ciência.

Em “O pseudo problema de Ugolino”, Borges usará um exemplo literário para indicar a ligação entre sua concepção de linguagem e a crítica ao “princípio de não-contradição”:

A afirmação “Um livro é as palavras que o compõem” corre o risco de parecer um axioma insípido. No entanto, todos tendemos a acreditar que existe uma forma separável do fundo e que dez minutos de conversa com Henry James nos revelariam o “verdadeiro” enredo de Outra volta de parafuso. Acho que isso não é a verdade [...].

Na escuridão de sua Torre da Fome, Ugolino devora e não devora os amados cadáveres, e essa ondulante imprecisão, essa incerteza, é a estranha matéria de que é feito.³⁰

Matemática e Imaginação

Em 1940, é publicado “Matemática e Imaginação”, de Kasner e Newman, um livro de consulta permanente de Lacan, segundo o psicanalista Alfredo Eidelsztein.³¹ No mesmo ano, uma resenha do livro escrita por Borges aparece na revista *Sur*, onde ele menciona alguns temas do livro que também estarão presentes, mais tarde, na obra de Lacan. Borges afirma na resenha:

Revisando a biblioteca, vejo [...] as obras que mais reli e enchi de notas manuscritas [...] A esse heterogêneo catálogo [...] prevejo que os anos acrescentarão este livro agradabilíssimo. [...] Suas quatrocentas páginas registram claramente os encantos imediatos e acessíveis da matemática [...] a ligeiramente obscena faixa de Möbius, os rudimentos da teoria dos números transfinitos, os oito paradoxos de Zenão [...], a notação binária que Leibniz descobriu nos diagramas do I King [...], o silogismo dilemático ou bicornado.

Desse último [...] há quase inúmeras versões [...] Bertrand Russell [...] [recorre] ao conjunto de todos os conjuntos que não se incluem a si mesmos.³²

Concluindo o capítulo sobre topologia “Geometria da lâmina de borracha”, Kasner e Newman fazem uma articulação entre ciência, matemática e filosofia que consideramos convergente com as ideias expostas até aqui:

³⁰ Borges, J. L. (1989). El pseudo problema de Ugolino. *La Nación*, 30/05/1948. Publicado como “El falso problema de Ugolino”. *Obras Completas II*. Buenos Aires: María Kodama y Emecé Editores.

³¹ Eidelsztein, A. (2017). Seminário anual: “Psicanálise e Ciência”. Inédito.

³² Kasner, E.; Newman, J. (1985). *Matemáticas e Imaginación*. Buenos Aires: Hyspamérica Ediciones.

[...] o que os matemáticos reuniram lenta e dolorosamente [...] no mundo fantasmagórico que fica além da imaginação é, na verdade, uma parte do mundo cotidiano, das marés, das cidades, dos homens, dos átomos, dos elétrons e das estrelas. De repente, tudo o que veio de um país de n dimensões revela-se útil em uma terra de três.³³

Até aqui, uma proposta similar à “analogia” proposta por Russell entre matemática e realidade. Mas Kasner e Newman acrescentam:

Ou talvez descubramos que, afinal, vivemos em uma terra de n dimensões. Esta é a recompensa pela coragem e laboriosidade, pelo senso fino, livre, poético e imaginativo, comum ao matemático, ao poeta e ao filósofo. É a realização da visão da ciência.³⁴

A descoberta de um mundo não tridimensional como “visão da ciência” aproximará a matemática da poesia e da filosofia, em uma perspectiva inovadora que não parece hierarquizar os textos com base em seu formato – acadêmico, literário, filosófico. Assim, abre-se a possibilidade de encontrar ideias – que podem ser úteis para a ciência e a psicanálise – em lugares não habituais, uma constante nas obras de Borges e Lacan.

Matemáticas e Imaginación é o único livro “científico” escolhido por Borges para integrar sua biblioteca pessoal. No prólogo escrito para esta edição, Borges resume:

[...] a imaginação e a matemática não se opõem; complementam-se como a fechadura e a chave. Como a música, a matemática pode prescindir do universo, cujo âmbito compreende e cujas leis ocultas explora.

A linha, por breve que seja, consiste em um número infinito de pontos; o plano, por breve que seja, em um número infinito de linhas; o volume, em um número infinito de planos. A geometria tetradimensional estudou a condição dos hipervolumes. A hiperesfera consiste em um número infinito de esferas; o hipercubo, de um número infinito de cubos. Não se sabe se existem, mas conhecem-se suas leis.³⁵

³³ Ibidem.

³⁴ Ibidem.

³⁵ Borges, J. L. (1985). Prólogo. Em Kasner, E.; Newman, J. *Matemáticas e Imaginación*. Op. cit.

Lógica Simbólica e Psicanálise por vir

Pode a lógica matemática contribuir para o desenvolvimento de uma psicanálise com “espírito científico”?

Concluirei com um exemplo: se aplicarmos a ideia de conjuntos singulares – que se contêm a si mesmos – à atividade de teorizar, habilitam-se opções que anteriormente não estavam disponíveis.

No ensaio “As kenningar” (1933), Borges relaciona esse procedimento ao conto policial “A carta roubada”, de Edgar Allan Poe.³⁶ Comentando, em nota de rodapé, a metáfora medieval islandesa “primo do corvo: o corvo”, ele aponta:

Definitum in definitione ingredi non debet [o definido não deve entrar na definição] é a segunda regra menor da definição. Infrações divertidas como esta (e aquela futura de dragão da espada: a espada) lembram o artifício daquele personagem de Poe que, tentando ocultar uma carta da curiosidade policial, a exhibe casualmente em um porta-cartões.³⁷

Fórmulas de Lacan como “o desejo do homem é o desejo do Outro” ou “o significante é o que representa um sujeito para outro significante” parecem operar com uma lógica semelhante.

E quanto à ciência? Em *A verdade do mundo técnico*, Friedrich Kittler³⁸ assinala um marco na história da lógica simbólica e das ciências da computação: a invenção da Máquina de Turing. Ele se expressa assim:

Desde a dissertação de Turing de 1937, cada ato de cálculo, independentemente de ser realizado por um homem ou uma máquina, podia ser formalizado em uma série de comandos contáveis que operam sobre uma fita de papel infinitamente longa e seus sinais discretos. O conceito de Turing, de tal máquina de papel, cujas operações consistem apenas em escrever e ler, avançar e retroceder, se confirmou como o equivalente matemático de todas as funções calculáveis. [...] E como, a partir de Turing, é possível abstrair-se pela primeira vez das diferenças de hardware entre ambos os equipamentos [homem e máquina], a chamada hipótese Church-Turing, em sua forma mais forte, isto é, física, acaba por afirmar que a

³⁶ Autor, por sua vez, do famoso poema “O Corvo”.

³⁷ Borges, J. L. (1974). *Las kenningar*. Op. cit.

³⁸ Filósofo e teórico de mídia alemão (1943-2011), que trabalhou extensivamente a articulação de Lacan com a Cibernética, em uma perspectiva pós-humana. Para explorar algumas ideias desse autor, recomendamos a apresentação de Pedro Fonseca nas Jornadas APOLa 2022: “Lacan: pós-humano?”.

própria natureza é uma máquina de Turing.³⁹

Segundo a “Tese de Church-Turing forte”, a máquina de Turing – uma parte do universo – é, por sua vez, o universo: um texto infinito que se lê e se escreve.⁴⁰

Borges se inspirará na teoria dos conjuntos para postular objetos que, como a máquina de Turing, fazem parte do mundo enquanto o contêm. O mais famoso é “o infinito Aleph”,⁴¹ inspirado na letra hebraica com a qual Cantor, criador da Teoria dos Conjuntos, designa seus “conjuntos transfinitos”.

No mundo simbólico da Máquina de Turing, segundo o fundador da Cibernética, Norbert Wiener, “A informação é informação, não matéria nem energia. Nenhum materialismo que não admita isso pode sobreviver hoje.”⁴² Com seu *moterialisme* – materialismo dos termos da linguagem –, Lacan parece responder ao alerta de Wiener, traçando as coordenadas de um “materialismo autêntico” já anunciado em “Para-Além do ‘Princípio de Realidade’”.

Muito cedo, Borges e Lacan adotaram uma concepção de linguagem e de mundo “compatível com a ciência”. Talvez possam nos ajudar a ler as vertiginosas mudanças experimentadas nas últimas décadas na forma como nos comunicamos e praticamos a psicanálise.

³⁹ Kittler, F. (2018). *La verdad del mundo técnico*. México: Fondo de Cultura Económica.

⁴⁰ Universo do qual “ambos os equipamentos” (homem e máquina) fazem parte.

⁴¹ Do conto “O Aleph” (1949).

⁴² Citado por Pedro Fonseca (2022) em “Lacan: pós-humano?”.

BIBLIOGRAFIA:

1. Borges, J. L. (1952). Magias parciales del Quijote. *Otras Inquisiciones (1937-1952)*. Buenos Aires: Sur.
2. Borges, J. L. (1952). El espejo de los enigmas. *Otras Inquisiciones (1937-1952)*. Buenos Aires: Sur.
3. Borges, J. L. (1952). De alguien a nadie. *Otras Inquisiciones (1937-1952)*. Buenos Aires: Sur.
4. Borges, J. L. (1974). Historia de la eternidad. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé Editores.
5. Borges, J. L. (1974). La metáfora. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé Editores.
6. Borges, J. L. (1974). Las kenningar. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé Editores.
7. Borges, J. L. (1974). El Aleph. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé Editores.
8. Borges, J. L. (1974). Edward Kasner and James Newman. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé Editores.
9. Borges, J. L. (1974). De las alegorías a las novelas. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé Editores.
10. Borges, J. L. (1974). La perpetua carrera de Aquiles y La Tortuga. *Obras Completas*. Buenos Aires: Emecé Editores.
11. Borges, J. L. (1985). Prólogo. Em Kasner, E.; Newman, J., *Matemáticas e Imaginación*. Buenos Aires: Hyspamérica Ediciones.
12. Borges, J. L. (1989). El pseudo problema de Ugolino. *La Nación*, 30/05/1948. Publicado como “El falso problema de Ugolino”. *Obras Completas II*. Buenos Aires: María Kodama y Emecé Editores.
13. Fonseca, P. (2022). Lacan: post-humano? Em *El Rey está desnudo*, n.º 20.
<https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2023/11/El-Rey-esta-desnudo-No-20-1.pdf>.
14. Freud, S. (1991). En torno a una cosmovisión. *Obras Completas, vol. XXII*. Buenos Aires: Amorrortu Editores.
15. Glauberman, K. (2022). La cibernética. Nuevo corte en la arqueología del saber. Em *El Rey está desnudo*, n.º 20.
<https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2023/11/El-Rey-esta-desnudo-No-20-1.pdf>.
16. Kasner, E.; Newman, J. (1985). *Matemáticas e Imaginación*. Buenos Aires: Hyspamérica Ediciones.
17. Kittler, F. (2018). *La verdad del mundo técnico*. México: Fondo de Cultura Económica.
18. Kleiner, I. (2022). La naturaleza (matemática) del lenguaje en Lacan. Em *El Rey está desnudo*, n.º 20.
<https://elreyestadesnudo.com.ar/wp-content/uploads/2023/11/El-Rey-esta-desnudo-No-20-1.pdf>.
19. Lacan, J. (1954). *O Seminário. Livro 1*. Aula de 09/04/1954.
<http://staferla.free.fr/S1/S1%20Ecrits%20techniques.pdf>.
20. Lacan, J. (1954-55). Psicanálise e cibernética, ou da natureza da linguagem. Em *O Seminário. Livro 2*.
<http://staferla.free.fr/S2/S2%20LE%20MOI.pdf>.
21. Lacan, J. (1974a). Aulas de 19/02/1974 e 9/4/1974. Em *O Seminário. Livro 21*.
<http://staferla.free.fr/S21/S21%20NON-DUPES....pdf>.
22. Lacan, J. (1974b). Aula de 20/01/1974. Em *O Seminário. Livro 18*.
<http://staferla.free.fr/S18/S18%20D'UN%20DISCOURS...pdf>.

23. Lacan, L. (2009a). El seminario sobre “La carta robada”. Em *Escritos I*. México, D. F.: Siglo XXI.
24. Lacan, L. (2009b). Más allá del “Principio de realidad”. Em *Escritos I*. México, D. F.: Siglo XXI.
25. Russell, B. (1964). *El conocimiento del mundo exterior*. Buenos Aires: Los libros del mirasol.

JUAN LICHTENSTEIN

Sócio de APOLa Internacional. Coordenador de “Borges a la gorra”

(<https://www.facebook.com/borgesalagorra>).

E-mail: juanlichte@gmail.com